

# Jorge Luis Borges – Do inferno e do céu

O Inferno de Deus não necessita  
o resplendor do fogo. Quando o Juízo  
Universal retumbar nas trombetas,  
a terra tornar públicas as vísceras,  
do pó ressuscitarem as nações  
para acatar a Boca inapelável,  
os olhos não verão os nove círculos  
da montanha invertida; nem os pálidos  
prados e seus asfódelos perenes  
onde a sombra do arqueiro então persegue,  
eternamente, a sombra ágil da corça;  
nem a loba de fogo que no ínfimo  
pavimento do inferno muçulmano  
é anterior a Adão e aos castigos;  
nem violentos metais e nem sequer  
mesmo a visível treva de John Milton.  
Não pesará odiado labirinto  
de triplo ferro e fogo doloroso  
sobre as almas atônitas dos réprobos.

Nem o fundo dos anos também guarda  
um remoto jardim. Deus não requer,  
para alegrar os méritos do justo,  
orbes de luz, concêntricas teorias  
de tronos, potestades, querubins,  
nem o espelho ilusório de uma música  
nem as profundidades de uma rosa  
nem o fulgor aziago de um somente  
de Seus tigres, tampouco o delicado  
de um ocaso amarelo no deserto,  
nem o sabor natal, antigo da água.  
Em Sua misericórdia, nem jardins

nem luz de uma esperança ou de lembrança.

No cristal de um sonho eu vislumbrei  
o Céu e o Inferno todo prometidos:  
ao retumbar o Juízo nas trombetas  
últimas e o planeta milenário  
for esquecido e bruscas já cessarem  
ó Tempo! tuas efêmeras pirâmides,  
teu colorido e linhas do passado  
definirão na treva um rosto imóvel,  
adormecido, fiel, inalterável  
(o da amada talvez, quiçá o teu)  
e a contemplação desse incorruptível  
rosto contíguo, intacto e incessante  
há de ser, para os réprobos, Inferno,  
porém para os eleitos, Paraíso.

**1942.**

**Jorge Luis Borges, O outro, o mesmo**